

**CALLET  
AUGUSTE**

O INFERNO

**Auguste Callet**  
**O Inferno**

*[http://www.litres.ru/pages/biblio\\_book/?art=24174052](http://www.litres.ru/pages/biblio_book/?art=24174052)*

*O Inferno:*

# Содержание

ADVERTENCIA DO TRADUCTOR	5
PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO	12
INTRODUCCÃO	16
DOGMAS HEBRAICOS	16
I	17
II	18
III	19
IV	20
V	21
VI	24
VII	25
VIII	29
IX	32
PARTE PRIMEIRA	35
CAPITULO PRIMEIRO	36
I	36
II	38
III	40
IV	41
V	43
VI	44
CAPITULO SEGUNDO	47
I	47

II	50
III	52
IV	53
V	54
CAPITULO TERCEIRO	59
I	59
Конец ознакомительного фрагмента.	62

# Auguste Callet

## O Inferno

### ADVERTENCIA DO TRADUCTOR

N'este memoravel anno de 1871, o sacerdocio militante da christandade lusitana subiu aos baluartes mais desamparados, aos pulpitos de grande parte do reino, e desembestou certas fréchadas ao rosto da impiedade.

No pulpito da egreja de S. Martinho de Cedofeita, d'esta cidade do Porto, – que não é a mais peccadora, porque é a menos ociosa, – discorreu apostolicamente um padre italiano, que eu não ouvi.

Não fui ouvil-o, porque já tenho muitissimos annos e bastante leitura para conhecer que direitos tem Deus e o proximo ao meu amor.

Não o fui ouvir pela mesma razão que evito alguns livros prohibidos, receoso de que elles estremeçam os alicerces da minha fé.

Não fui ouvil-o, emfim, porque ha um sermão que eu sei de cór, e repito quando tenho sêde de fé, ancias de misericordia, tibiezas de esperança: é o sermão da montanha, prégado aos pobres por nosso Senhor Jesus Christo.

Este sermão ainda meus filhos o não sabem; mas hão de

aprendel-o quando as primeiras lagrimas lhes tiverem delido as manchas escuras do intendmento. É preciso ter chorado para comprehender a bem-aventurança dos que choram. Jesus Christo, se houvesse dito aquellas divinas palavras aos felizes, não seria intendido no apostolado, nem seguido na vida, nem chorado na morte, nem confessado no martyrio.

Levantei, pois, o pequenino e fragil oratorio das minhas preces humildes sobre a confiança do divino Pae; e, se em minha alma sinto o desejo de não ter nascido para dôres deseguaes ao alento de cada homem, reconheço que o oratorio do peccador está tanto á vista de Deus que o anjo da paciencia abre as suas luzentissimas azas sobre os meus abysmos escuros.

Ora eu sei de triste experiencia que os discursos do missionario em Portugal me desatavam o espirito das vestes graves com que costume entrar nos templos.

Na minha mocidade estudei grammatica, fui examinado em logica, decorei a inutilissima cousa chamada rhetorica, cursei muito pela rama algumas aulas de theologia; finalmente, poli quanto pude a razão para que se espelhassem n'ella os preceitos e conceitos dos oradores sagrados.

Pois acontecia que todos aquelles predicados, desde a grammatica de Lobato até á theologia do bispo de Leão, cá no meu interior despiam a casaca e a dalmacia venerandas, para galhofarem d'uns certos padres que se imaginavam favorecidos da infusão scientifica, uma só vez milagrosamente concedida pelo Espirito Santo aos santissimos ignorantes do Cenaculo.

Arguiam-me de indiscreto os bons amigos que me ouviam deplorar a decadencia da oratoria sacra, justificando o proposito pelos resultados, a unção do prégador pelo soluçar do auditorio, a fertilidade da palavra pela emenda das culpas.

O soluçar do auditorio era tão accetavel e prestadio como as lagrimas no theatro, que denotam, quando muito, corações sensiveis; aquillo, porém, de emenda das culpas é que vinha desconceituar a argumentação dos meus amigos.

As culpas! o desconcerto da vida, a irreverencia a Deus, o desamor ao proximo, as intranhas descaroadas do rico, a rebellião cubiçosa do pobre, a mão que se esquiva em levantar da lagem o orphão – estas e outras más fibras do coração humano poderá retemperal-as a consciencia illustrada; mas a consciencia espavorida pelo medo dos castigos eternos, essa não.

E os missionarios, que ludibriavam a minha devoção ou curiosidade, demonstravam a precisão de sermos continentes, sobrios, humildes, caritativos, christãos emfim, para não sermos eternamente refervidos no lago de sulphur candente.

Eu nunca ouvi dizer na casa da oração que a providencial justiça tem o seu tribunal em meio dos vivos; que o vicio deshonra, infama, e tolhe o goso dos bens d'esta vida; que a repulsão do delinquente é um castigo; que a sociedade pune primeiro que a lei; e que, se a justiça dos codigos algumas vezes erra, a justiça complexa da opinião publica mantém a disciplina do supplicio, invisivel mas exulcerante na consciencia do culpado.

Nunca ouvi missionario que me parecesse mais illustrado que a maioria dos seus ouvintes, nem vi espectaculo onde reluzissem mais vivos e tristes reflexos da idade-media. Historias horrendas e ás vezes esqualidas de castigos infernaes; immersões em caldeiras rubidas das lavaredas; corpos espedaçados por dragões e logo recompostos para nova e eterna dilaceração; imborcações de peçonha na bôcca dos gulosos; amplexos de serpentes escamosas de brazas n'aquelles que lubricamente deleitaram os corpos n'este mundo: era isto, não era o penetrante pejo do vicio que chamava aos olhos do auditorio as lagrimas restauradoras.

Mas, ao fechar da missão, o peito oppresso do peccador aterrado desafogava-se na esperanza de illudir o diabo com uma confissão geral e um profundo pesar na hora da morte, visto que o missionario promettia o céu aos que, nos ultimos instantes, se sentissem vivamente magoados de terem sido perversos.

O céu!

E que promete o padre aos justos, aos que desde a juventude até á decrepidez apenas prevaricaram venialmente? o céu.

E aos apóstolos que vão á fogueira offerecendo ao divino martyr o tributo de suas agonias? o céu.

O céu para o facinora constricto no ultimo momento, e o céu para o santo de toda a vida! O céu para o martyr e o céu para o algoz que houve remorso de o haver matado! Ó fé, revérbero de Deus, estarias apagada, se não fosses divina!

Em compensação, porém, que profusa prodigalidade de infernos além-tumulo! Infernos legendarios, imitações do grego,

do egypcio, do indostanico, todos os infernos, excepto o verdadeiro – o inferno d'esta vida, a corrente do remorso ao pelourinho da consciencia, e a desgraça implacavel ainda para os que não têm consciencia nem remorso.

Pois esta doce e misericordiosa alliança de Jesus com os attribulados, com os frageis por compleição e por mal dirigidos na mocidade, comporta em si a hypothese de Satanaz, que nos espia o ensejo favoravel e nos faz cambapé ás suas voragens? Compreendem acaso que Deus se não amerceie de homens fraquissimos, vencidos por um gigante que não coube no céu? Não vêem que Lucifer se atreveu com o Creador, e, depois de vencido, teve por homenagem o reinado de um mundo, e o generalato de legiões immensas, todas a manobrem na terra para vencerem... a quem? um descendente de Adão, do logrado do Eden, Adão, que tinha em si a plenitude da força, da sciencia; a força do corpo ainda aquecido da mão de Deus; a força da alma iriada dos reflexos do seu Creador! E o homem, debilitado pelo attrito de seis mil annos, que querem que elle seja? Porque lhe decretam a elle – ao fraco – o inferno, se Deus apenas condemnou o forte a viver do suor do seu rosto?

Estas e outras meditações, dignas de que Deus m'as perdôe, se a palavra não friza bem com a lisa intenção, me preocupavam, quando li este livro de Callet, com certo medo de violar o meu salutar costume de não lêr livros prohibidos, tirante os uteis, os desenfastiados e principalmente os instructivos.

O auctor, comquanto excommungado, usou a christã bem-

querença de prevenir-me de que a sua obra estava condemnada. Decidi logo que o livro não seria de todo mau. E, depois que o li, reflexionei que os cardeaes seriam mais discretos esquivando-se a dar voga a escriptos que andariam menos procurados sem a chancella da prohibição.

A mim me quer parecer que o *Inferno* de Callet sahiria com fóros de orthodoxo da assemblêa dos primitivos christãos, quero dizer, dos seguidores de Jesus Christo anteriores áquella pestilencial sciencia chamada Theologia: tal é a pureza, luz, amor e christianissimo espirito que ungem as paginas d'este consolativo livro.

Augmenta-lhe o valor o encontrar-se com os missionarios portuguezes, cada vez mais attidos á rhetorica ardente do inferno, como se elles e ouvintes não houvessem dado ainda um passo desde que é dia, desde que a razão fez pazes com a fé illustrada.

É tão verdade que este systema de moralisar nada aproveita, quanto é certo que nas aldeias, onde mais trevejam as ameaças do missionario, encontrareis o demonio da corrupção fazendo tregeitos ao padre ás portas das cabanas, onde o vicio avulta mais esqualido com a hediondez dos seus farrapos.

Não melhorareis a sociedade a prégar. E todavia, serodios apostolos, na vossa sinceridade, creio eu, por não ter grande confiança na vossa illustração, e me ser muito custoso suspeitar que sois hypocritas.

Ora lêde este livro que se vos offerece em portuguez correntio, e dizei, se, apagado o inferno, não será possivel accender pharol

mais humano e mais divino pelo qual se norteie a posteridade da peccadora Eva, esta immensa familia d'hoje, estygmatisada seis mil annos antes!

Julho de 1871.

*Camillo Castello Branco.*

# PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Aos 20 de Junho de 1862 a sagrada congregação do Index condemnou em Roma este livro ácerca do inferno. Caridosamente advirto a leitoras e leitores que temos aqui fructo prohibido.

Perguntam-me o que vem a ser a congregação do Index? Eis-aqui o pouco que sei d'isso: o papa Paulo III publicou em 1539 um catalogo de livros cuja leitura prohibiu aos fieis sob pena de excommunhão. Este catalogo, chamado Index, foi approvedo pelo concilio de Trento, enriquecido de numerosos artigos, e por elle, antes de dissolver-se, recommendado a Pio IV. O papa Sixto V, que não tinha vagar para lêr, creou, mais tarde, uma commissão permanente de cardeaes encarregada de examinar e condemnar livros. Esta commissão de cardeaes é o que se chama a sagrada congregação do Index.

Convém saber que Paulo III, velho amigo de Alexandre VI, e tanto, como elle, muito desacreditado por seus vicios, desmembrou dos dominios de S. Pedro as cidades e territorios de Parma e Placença que elle deu com plena soberania, e com titulo de ducado, a Pedro Luiz Farnezio, um dos seus filhos naturaes. Este tal fundou a inquisição, instituiu a ordem dos capuchinhos, exercitou a astrologia, fomentou e applaudiu a carnificina dos vandezes. Não discuto similhantes actos; recordo-os porque elles se ligam á mesma idéa que creou o Index.

Pio IV, a rogo dos Jesuitas, acrescentou algumas contas ao rosario, augmentando-lhe as virtudes; fez estrangular o cardeal Caraffa, sobrinho do seu predecessor Paulo IV; fez decapitar o duque de Palliano, irmão d'aquelle cardeal, e outros muitos personagens cujas cabeças ensanguentadas, por sua ordem, foram expostas sobre a porta do castello de S. Angelo; abafou o processo instaurado em Espanha contra o clero accusado de libertinagem; mas em compensação accendeu por toda a parte a guerra contra os herejes. Accuzam-no de haver beneficiado mais a sua familia que ao povo romano. Eu por mim não lhe contesto as virtudes, e menos ainda a orthodoxia. Na famosa bulla de 24 de Abril de 1564 declarou excommungados, *ipso facto*, quem quer que no futuro imprimisse, vendesse ou lesse algumas das obras inscriptas no Index pelo concilio ou por elle mesmo; e bem assim quem, não as tendo lido, as emprestasse ao visinho, ou, sem as ler ou communicar a alguem, as fechasse na sua bibliotheca ou n'algun esconderijo da sua casa. Urgia, pois, queimar os livros prohibidos quem quizesse evadir-se á excommunhão, e em seguida á condemnação eterna. Como não podesse queimar os auctores, Pio IV desferrava-se fazendo-lhes queimar as obras.

A vida de Sixto V é bastantemente conhecida, não tem que vêr com a de S. Pedro; mas sobejavam-lhe intelligencia e indole sufficientes ao exercicio do poder absoluto. Era manhoso e cruel este grande papa, cujo systema de governar compendiou em duas palavras: pão e páo.

Dispensam-se pois os povos de pensar, como coisa perigosa: é bastante que elles não morram de fome e que tremam sempre diante do algoz. Depois erijam-se obeliscos e edifiquem-se templos.

Este papa mandava decapitar os padecentes debaixo das suas janellas, antes de sentar-se á meza, dizendo que isto lhe abria o appetite. As cabeças dos supplicados, que elle expunha e deixava apodrecer aos olhos dos caminhanes, ameaçavam de peste a cidade. Apesar dos juizes, fez enforcar um mancebo de 16 annos por haver resistido aos quadrilheiros que o prenderam. Ordenou que cortassem as mãos e que traspassassem a lingua d'um auctor epigrammatico. Excommungou a rainha Isabel, desquitando a nação do juramento de fidelidade; excommungou o rei de Navarra, o principe de Condé e o rei de França, exaltando até ao delirio o fanatismo dos partidarios da Liga; e depois do assassinio do desgraçado Henrique III, elogiou em pleno consistorio Jacques Clement, comparando-o a Judith e Eleazar, debeis mas fieis instrumentos do Deus dos combates. E como signal sensibilissimo de sua terna solitudine pela salvação das almas, restabeleceu ao mesmo tempo o santo officio e cumulou de indulgencias a confraria do Santo Cordão. Era proprio d'este grande e devoto papa continuar a guerra declarada por seus predecessores á razão humana e á liberdade da consciencia, instituindo de par com o santo officio a congregação do Index.

Não cuideis, porém, que os livros condemnados por esta congregação fossem lidos pelo papa ou sequer pelos cardeaes

encarregados d'isso. Por via de regra os cardeaes nada lêem. Á laia de Sixto V, encarregavam outros d'esse officio. Á volta da congregação do Index formigavam monges e obscuros theologos de toda a parte, chamados consultores, a quem incumbia o encargo quasi sempre fastidioso de lêr obras novas. As formidaveis sentenças do Index, mediante as quaes uma familia inteira era excommungada e condemnada, promanavam do relatorio d'estes consultores: tal era a sorte de quem recusasse queimar um cartapacio jansenista, herança de avó piedosa, ou as *Maximas dos Santos* de Fénelon, ou os *Pensamentos* de Pascal, ou as *Reflexões moraes* de Quesnel, embora approvadas pelo cardeal de Noailles, arcebispo de Pariz, ou a *Theologia* de padre Lequeux – primeira edição – ou a *Philosophia* de Cousin. Pelo que me toca, julguei que o inferno é uma concepção immoral, profunda e forçosamente immoral pelas razões que adduzi. Tambem mostrei, a diversas luzes, o perigo de semelhante crença para o genero humano. Por isso fui condemnado em Roma. Optimamente! Agora exijo que me respondam. Graves e leaes são as minhas objeções: o decreto do Index as deixou subsistir em todo o seu vigor.

Quando a soberania temporal do papa, que não é dogma, deixar de absorver os esforços todos dos defensores da fé, espero que elles tenham vagar de cuidar no inferno, que é um dogma, e dogma tanto em perigo e tão vacillante – fiquem-no sabendo – como o throno de Paulo III, de Pio IV, e Pio V.

# INTRODUÇÃO

## DOGMAS HEBRAICOS

É crença anterior á prégação de Christo, quanto ao texto, mas diversa do espirito do Evangelho, a eternidade das penas. Prende esta crença com outros dogmas rabbinicos, tão obscuros quanto descaridosos, que a Egreja nascente adoptou e que ainda hoje formam o essencial da theologia christã. Podemos reduzir aquelles dogmas a cinco, consubstanciados todos no Inferno. Vem a ser: a Rebelião de Satan, o Castigo de Satan, o Paraiso terreal, a Maldição dos homens, o Povo de Deus.

Não intento esquadrinhar o sentido philosophico de taes dogmas: tal canceira, superflua para leitores instruidos, seria insipida e inutil para os ignorantes. Que Satanaz, inferno, peccado original, etc., sejam ou não horrendos symbolos do antigo pantheismo asiatico, – expressão viva d'um systema de methaphysica mais terrivel que especioso, onde liberdade e mal se confundem, e o nada divinizado tem consciencia de si, e Deus quasi deixa de ser – questões são essas proprias de academias. Taes dogmas para mim são o que á letra significam; sei d'elles o que nos ensinam; vejo-os como nos mandam vêl-os, como a multidão os vê, coisas reaes, pessoas verdadeiras, e não chimeras. Considero-os pois sob a fórma com que elles, ha muitos seculos,

influem no genero humano: e não ha mais seguro modo de lhes apreciar o valor moral.

Entremos na exposição, clara quanta fôr possível, d'estes dogmas mysteriosos.

## I

### **Rebellião de Satanaz**

A historia de Satanaz não se encontra na Biblia nem no Evangelho. Passou tradicionalmente da synagoga á Egreja. No Thalmud e nos Padres é que vem escripta.

Satanaz era um anjo – como quem diz um espirito incorporeo, um sôpro de Deus. Pureza, força e benção eram o principio e constituição de sua essencia. Estava elle no ceo resguardado de exemplos e conselhos maus. Creado para o bem alli vivia em condições em que não é possível conjecturar-lhe intenções más, contemplando Deus rosto a rosto, actuando e reclinando-se em seu seio, testemunha intelligente d'aquella superlativa sabedoria, bondade e omnipotencia que transpõe espaço e tempo.

Infelizmente Satanaz era livre e peccou. É obra sua o mal que antes d'elle não existia. Concebeu-o elle, e – caso estranho! – produziu-o alli mesmo no ceo, em meio dos resplendores increados, e eternas bem-aventuranças, e depois quiz-lhe como a seu, e propagou-o por entre os anjos.

Este peccado, aliás inqualificavel, visto que lhe não conhecemos a especie, é, como vou demonstrar, o verdadeiro

peccado original. É a primitiva e inexaurível fonte de dores do genero humano, posto que ainda não houvesse genero humano na desconhecida época em que elle perturbou o céo. Todos os transtornos do universo, mal physico e mal moral, é aquelle peccado que os explica.

Saibamos como Satanaz foi castigado.

## II

### O Inferno

Deus não quiz aniquilar Satanaz nem perdoar-lhe. Creou o inferno, e precipitou-o lá com os seus cúmplices.

Fogo, frio, esvahimentos de fome, tedios da saciedade, golpes de ferro, trances de agonia, inveja, remorsos, tudo isso não basta a dar-nos muito em sombra idêa dos tormentos d'aquelle abysmo. Corôa-lhe o horror não ser ahi conhecida a morte. Se a morte lá podesse entrar, a esperança iria com ella, deixando entrever o nada como acabamento de tão enormes penas.

Se, porém, foi recusada a Satanaz esta miseravel consolação, goza-se de outra em desforra. Deus, que o reduziu á desesperação, deixou-lhe a faculdade de o molestar, atravessando-se-lhe nos intentos, contrariando-lhe as leis, multiplicando e perpetuando o mal por toda a parte, salvante o ceo.

É o inferno o senhorio de Satanaz; mas não cabe lá. É-lhe toda a criação campo franco para a sua malfeitora actividade.

Verdade é que leva consigo, onde quer que vá, a sua immortal tristeza, e, pelo tanto, toda a parte lhe é inferno. Não obstante, é incompreensível que elle de lá sahisse, se lhe não fosse algum hediondo regalo n'isso de fazer tudo quanto quer, excepto o bem – poder singular que Deus lhe concedeu, e elle exercita incansavelmente, seu prazer unico, necessidade propria da sua desgraça, e que hade durar tanto como elle.

Tal é o castigo de Satanaz. Crime e castigo são por equal espantosos e inintelligiveis.

Agora, vejamos o que d'ahi resulta.

### III

## Paraiso terreal

No segundo e terceiro capitulos do *Genesis*, refere Moysés a criação e queda do homem. Esta breve passagem foi diffusamente glossada por hebreus e padres da Egreja, e raro haverá quem a não haja ouvido explicar do pulpito, como eu brevissimamente a vou explicar, acrescentando-lhe reflexões minhas.

Adão e sua companheira tinham recebido no Eden uma lei moral simplissima e muito clara: era-lhes licito saborear todos os fructos d'aquella mansão de delicias, tirante o fructo d'uma só arvore: feito isto, a sua felicidade seria perfeita. Conta-se que elles estavam alli mais innocentes que os recém-nascidos e ao mesmo tempo mais instruidos que os anciãos d'hoje em

dia. Obedecia-lhes a natureza e elles comprehendiam-lhe a voz. Cuidados nenhuns, nenhuma lagrima, primavera eterna, e a mocidade immorreioira em todo o seu ser. Deus folgava descer-se do ceo para n'elles contemplar a sua viva imagem; e então lhes mostrava seu rosto e lhes fallava.

Entretanto Satanaz foi esperal-os debaixo da arvore da Sciencia, cujo fructo lhes fez comer. Não se corromperam per si mesmos como Satanaz; mas eram livres e o tentador estava alli. Quem tinha seduzido os anjos como deixaria de seduzilos a elles? Que considerações o reteriam? Não receia Deus por que Deus lhe não póde aggravar o supplicio, pois que esse supplicio é eterno, e o inexprimivel horror de tal castigo consiste na eternidade d'elle. Pelo que respeita á piedade, é sentimento que Satanaz não conhece, pois que Deus lh'a não mostrou a elle, o primeiro de todos os seres que a necessitára. Á semelhança das outras creaturas, tem sómente aquillo que recebe; e o que brilha em si não é o amor divino, é a divina colera que o conserva devorando-o.

Quaes foram as consequencias da queda?

## IV

### A maldição

Não aceitou Deus as desculpas de Adão e Eva. De tal modo o irritou a desobediencia, que, no auge da sua ira, amaldiçoou-os e com elles a terra que os continha: dupla maldição que

abrange alma e corpo, espirito e materia, eternidade e tempo – o homem todo na intimidade de seu ser immortal e nas condições exteriores da sua existencia transitoria.

De feito, foi Adão condemnado á morte. O corpo reverteu ao pó e a alma cahiu no inferno. Esperando, porém, este ultimo castigo, foi-lhe forçado soffrer outro n'este mundo. Cahiu sob o poder de Satan. Os miraculosos conhecimentos, que elle tinha, perdeu-os para sempre.

Repulso do Eden, nada sabia do que tinha sabido n'aquelle lugar; e, como a terra tambem se havia transformado, caminhava elle inexperiente atravez dos estorvos d'uma vida nova. Preciões, labor ingrato, enfermidades, padecimentos de toda a natureza, desconfianças, medos, saudades inuteis, desejos inquietos acompanhavam o vagabundo par. Satanaz seguia-os, julgando-os ainda bastante felizes sobre a terra maldita, onde, se elle não fosse, o soffrimento seria expiação, e a morte resgate.

Penetremos mais dentro n'este mysterio, e consideremos com os theologos quaes foram e ainda são hoje as deploraveis consequencias d'aquelles successos.

## V

### **Consequencias da maldição**

Os filhos de Adão que ainda não eram nascidos no momento da culpa, e os filhos de seus filhos até á derradeira geração foram condemnados com elle, como se tivessem peccado.

Compreende-se que elles não fossem melhores que seus pais: peiores é que elles se tornaram. O mais velho d'esses reprobos matou seu irmão, e a impiedade humana foi crescendo até ao diluvio para recommençar, ao sahir da arca, durante o somno de Noé.

Uma tal punição não podia gerar outros effeitos.

Considerai que nascemos aviltados, pervertidos, embriagados do vinho que outros beberam, escravos d'um poder occulto e maligno, odiados de Deus, odiando a Deus, só bastantemente livres para praticar maldades e merecer por isso novos castigos; incapazes todavia de praticar o bem. Está Satanaz no manancial onde bebemos a vida; está nas fontes que a nutrem, no seio de nossa mãe e no seu leite; a si nos attráe, encorporando-se na luz, na agua, nos alimentos, no ar que respiramos, na voz que nos encanta o ouvido, na fragancia que as auras nos trazem, no amigo que nos abre os braços. Comnosco se identifica e nos enche de seus cavilosos e insaciaveis appetites.

De fóra chama-nos com uma doce voz, e com um interno agulhão nos esporêa para onde nos chama. Então nos cerca, invade-nos, possue-nos, e isto não é ainda senão parte do nosso castigo. O inverno que nos engorgita os membros, a fome que nos prostra, a trovoada que arrebatá as sementeiras, a febre paludosa que nos mata os filhos, as forças que se vão quando a experiencia chega, estes flagellos todos da natureza contra nós desenfreados, estas necessidades inexoraveis, amargas privações, e exulcerantes desenganos são tambem parte do nosso castigo.

Mas ainda não é tudo: a nossa insanável ignorância, orgulho, fraqueza, toda a corrupção do nosso ser é parte integrante do mesmo castigo, não do peccado original, cumpre notar, mas do castigo, pois que a transmissão do peccado original é já de si um castigo. E não pára aqui a maldição; pelo contrario, quando ella se nos mostra mais terrivel é n'este estado a que nos reduziu, manietados pelas cadeias que nos forjou, porque as culpas que resultam d'esta corrupção natura e involuntaria que é um castigo, d'esta possessão diabolica que é um castigo, e de tantas dores accumuladas que são castigo – taes culpas chamam sobre nós outros castigos. Qualquer lapso é reprehensivel; o menor deslize é espiado e marcado; o minimo murmurio é uma offensa.

Taes são, consoante a theologia dos hebreus, adoptada e assignada pelos padres, as relações do homem com Deus e de Deus com o homem.

Detestam-se. Desde a sahida do Eden que se digladiam em duello sem fim, posto que desigual. Um primeiro crime gerou a colera divina; mas do primeiro acto da colera divina surtiram outros crimes, os quaes geraram novas coleras, e continuamente, em face um do outro, a colera e o crime se fecundam e reproduzem sem descanso. Os homens n'esta lucha são incansaveis como Deus, e, posto que trespassados e sanguinolentos e esmagados, ameaçam e conspiram ainda.

De semelhante espectáculo não ha nome condigno! Está o odio por toda a parte, na terra, no inferno, no ceo, nas creaturas e no Creador.

Accrescentemos que o que melhor se comprehende neste systema é a rebellião do homem, porquanto a nossa sorte é mais miseravel que a sorte de Adão, e cem vezes mais miseravel que a de Satanaz. Mas faz-se mister esclarecer este ponto, antes de passar além.

## VI

### **Comparação da nossa sorte com a de Adão e de Satanaz**

Em verdade nenhuma similhança temos com os habitantes do paraiso terreal; não lhes herdamos o saber adquirido sem trabalho, nem a pureza, nem a liberdade, que se agitava a bel-prazer em um tão vasto circulo, tendo um só limite perfeitamente distincto; nem tão pouco lhes herdamos a tranquilla felicidade. Para nós é tudo trevas, servidão, limite, trabalho e dôr. Apezar do peccado, outra vantagem nos levavam. Puniu-os Deus d'uma maneira que nos espanta; mas puniu-os pelo mal que propriamente fizeram. Comnosco não é assim. Primeiramente, aquelles actos, que Deus tão severamente castigou n'elles, continuam-se em nós, que não temos conhecimento d'elles senão por este proseguimento vingativo; depois, sem attender á nossa enfermidade nativa, nos faz elle expiar nossas proprias faltas com tamanho rigor como se as nós tivessemos commettido na liberdade, na sciencia, e nos jubilos do Eden.

Se podeis, comparae agora a sorte do homem n'este mundo

maldito á de Satanaz no ceo; e os peccados d'aquella creatura debil, ignorante, decahida, envolta em carne e sangue, cercada de precipicios e trevas, criminosa porque nasceu, e em perigo porque vive; – comparae isto, se podeis, ao inexplicavel peccado do anjo. Similhança não ha ahi nenhuma. Entre nós e aquelle espirito bemaventurado vae a differença de noite a dia, e entre a sua culpa e a nossa a distancia da terra ao ceo. Sem embargo disso, as penas são iguaes. Espera-nos o mesmo inferno. A unica desigualdade que se nota n'este logar de soffrimento é que o homem ahi será a eterna victima, e Satanaz o eterno algoz.

É evidentissimo que é a mesma a pena applicada a seres que prevaricaram em tão oppostas condições de actividade. Esta pena infinita só tem relação com o poder infinito do juiz offendido; não tem alguma com as faculdades diversamente limitadas dos culpados, e augmenta de gravidade á medida que desce sobre peccadores d'uma natureza mais fragil, de Satanaz sobre Adão, de Adão sobre a sua posteridade.

Quando procuramos n'isto a justiça, dizem-nos que ella ahi está, mas escondida. Oh! sim, meu Deus! Bem escondida, e a razão tambem, e a piedade tambem!

## VII

### O povo de Deus

Entretanto parece que a piedade se manifesta na formação do povo de Deus, e em verdade ahi se denota, mas como excepção,

privilegio e favor.

Havia no Egypto uma raça de escravos; toma-os Deus pela mão, e atravez de mil obstaculos os leva ao paiz de Chanaan; dá-lhes leis, ministros e prophetas; illustra-os, defende-os, castiga-os, restaura-os, disputando a Satanaz, com successivos milagres, essa nesga de terra onde quer ser adorado. Não obstante, estas revelações e sobrenatural assistencia não impedem que os judeus idolatrem, que se prostituam, que usurem e se precipitem numerosissimos em todas as voragens do mal. Por aqui se avalie a desgraça dos povos que occupavam o resto da terra e a quem faltavam taes soccorros. Pezava n'elles sem contrapezo o peccado original. Os que a maior grau de perfeição tinham levado artes e sciencias estavam tão remotos da verdade como o selvagem mais embrutecido. Não porque uns ou outros fossem atheus – pelo contrario, em seus soffrimentos, levantavam olhos ao ceo; mas como procuravam a divindade nas estrellas, nas altas montanhas, no concavo dos bosques, e nas mil imagens compostas de materia impura, debalde rogavam, e inutilmente sacrificavam. Salvante a de Moysés, todas as religiões eram engodo de Satanaz e conductoras d'almas ao inferno, semelhantes ás lumieiras que as hordas assaltadoras accendem á beira das restingas, durante as noites tempestuosos, afim de que os navegantes se percam. E Deus abandonava os gentios á sua ignorancia; detestava-os em tanto extremo que prohibia o seu povo de os tratar, sobretudo de misturar ao d'elles o seu sangue, excepto nas batalhas. Occasionado o ensejo, era obra piedosa exterminal-os;

mas attrahil-os ao seu coração, era, em todos os lances, um acto abominavel, por maneira que o leproso de Jerusalem recearia manchar-se, se recebesse na sua enxerga infecta a mais pura donzella de Sidon.

Tal é substancialmente o ultimo dogma que nos convém estudar. É certo que elle nos revela a bondade de Deus; mas á similhaça de pallida restea de luz em espessa treva. O que nos ella esclarece é um ponto imperceptivel do espaço. Está meio velada no ponto onde brilha, e tanto ahi, como no restante do mundo, razão e justiça de Deus jazem de todo em todo escurcidas. Sobre a terra foi Jacob o unico justo? Se houve mais, porque não fez Deus alliança com elles e seus descendentes? Por que adoptou sómente os judeus, por que liberalisou a estes luzes que negou aos outros? Se lhe aprazia dar á humanidade cabida e obcecada pelo peccado meios de salvação, porque abençoou o sangue e a carne de um só homem, amaldiçoando o sangue e a carne dos mais homens? Se isto é verdade, força nos é exclamar com os theologos: – Razão impenetravel! Impenetravel justiça! – Sendo que tudo isto essencialmente diverge das idéas que podemos formar da pura razão e da verdadeira justiça.

A lei do genero humano, em toda esta historia, é a lei ditada pela colera, e, ainda quando a bondade ahi reluz, dá ares de um capricho.

Os primeiros christãos, judeus de origem, não adoptaram menos estas idéas por mais avessas que fundamentalmente sejam, não só á revelação interior, ás luzes da consciencia, mas

tambem a tudo que mais luminoso do ensino de seu divino mestre nos transmittiram. A Igreja, dilatando-se fóra de Jerusalem, conservou o sinete da sua educação rabbinica<sup>1</sup>, permanecendo meio judaica. Não mudou um til aos dogmas sombrios e crueis da synagoga, mas transformou o dogma do povo de Deus; ampliou-o espiritualizando-o, sem tirar ainda assim á clemencia divina, como logo veremos, aquella mystica e excepcional indole que tinha entre os judeus. Admittiu os gentios ao beneficio das graças de que Moysés os excluira, e tornou judeus, mediante o baptismo, os que de sangue o não eram. Ao mesmo tempo, repulsou do seu gremio os que só por sangue eram judeus, e o não eram por baptismo, formando, com tal exclusão, outro povo de Deus, e ficando o antigo a representar a figura carnal do novo. Em summa, a Igreja moldurou quanto em si coube, o espirito christão nas fôrmas antigas, que ella sempre venerava e considerava expressamente feitas para o receber. Consoante a parabola, envasilhou o vinho novo no tonel velho, onde ferve

---

<sup>1</sup> No concilio feito pelos apóstolos em Jerusalem, questionou-se sobre se se devia circuncidar os judeus. Muitos pensaram que esta operação fosse indispensavel á salvação, por isso que Moysés a ordenára; Paulo e Bernabé não foram d'esta opinião; a duvida, porém, era tamanha que sahiram deputados para Jerusalem, afim de combinarem com os apóstolos e os padres. O concilio discutiu longo tempo. Pedro fallou de harmonia com Paulo; mas as duvidas subsistiram. Thiago fallou por sua vez, não invocando a palavra de Christo, mas repetindo algumas palavras dos antigos prophetas; o que fechou a pendencia. Decidiram que a circuncisão era desnecessaria á salvação. Todavia, logo adiante, Paulo, que contribuiu para este accordo, circuncidou Timotheo, «em razão de estarem judeus n'aquelle logar, e saberem que seu pae era gentio.» Vid. *Actos dos Ap.*, cap. XV e XVI.

até estalar as aduelas; cuidado, porém, que a velha vasilha póde fender-se; o vinho contheudo é o sangue de Christo; e o genero humano, em prol de quem tal sangue ha manado, não deixará que uma gotta se perca.

Ha pouco disse eu que a igreja, adoptando as crenças da Judéa, não havia modificado a indole estranha e excepcional que taes crenças argúem á bondade de Deus. Por egual razão deixou ella condensarem-se as mesmas trevas sobre a sua justiça. É facil demonstral-o.

## VIII

### **A igreja e o novo povo de Deus**

Hoje em dia faz-se mister nascer em paiz catholico para ainda se crêr na possibilidade de não ir infallivelmente ao inferno. Contra o espirito do mal inda lá se encontra aquella miraculosa assistencia que outr'ora protegia apenas o districto não grande do Oriente. Alargou-se o territorio da clemencia, mas ainda assim não mede a quarta parte do globo. Além d'isso entre os novos, do mesmo modo como entre os antigos judeus, perdem-se muitos, porque Satanaz está sempre comnosco, na carne de Adão, e a maldição sobranceia-nos sempre.

Se o baptismo destróe esta maldição, não o faz completamente, salvo quando o baptisado morre ao sahir do baptisterio; senão, nem nos dispensa das penas eternas, nem nos arranca das prezas da necessidade das afeições, das tentações,

dos enganos innumerados que são os efeitos temporaes da maldição.

Cresce, pobre creança, e se podes, cerra os ouvidos ás alegres cantilenas da tua ama; foge ás caricias de tua mãe e a todas as seducções que já te rodeiam. Não toques no bello fructo que a tua fome aneia. Na tua idade, sem que o saibas, já Satanaz te falla; na bebida e na comida estão venenos d'elle; com o mal te familiarisas, e perdida está a innocencia baptismal. Feito o primeiro peccado, desluziu-se a graça; a maldição meia delida revive inteira; a Igreja vem ainda com outros mysteriosos meios em nosso auxilio; porém, como n'este mundo não ha destruir attracção e inclinação e a liberdade do mal, muitos dos seus filhos se perdem, apesar d'ella, e para, melhor o dizer, em seus braços.

Attendendo aos perigos a que estão sujeitos ainda os filhos da luz n'esses paizes favorecidos, considere-se em que estado de desesperação vivem os filhos das trevas, isto é a maxima parte do genero humano. Em mil milhões de homens, pouco mais ou menos, que actualmente soffrem na terra, o mais que póde haver é duzentos milhões de catholicos. O remanescente vive sem confissão, e o maior numero sem baptismo, na ignorancia ou no odio da Igreja, e d'aqui vão como vieram sob o poder de Satanaz. Tem elles culpa? Nasceram no abysmo e longe de soccorros. Familia, tribu, cidade, patria, protectores naturaes, primeiros guias, ultimos amigos, lições, exemplos, leis e costumes, tudo os engana. Quem é que póde escolher o seu berço? Pois a nossa salvação póde depender de circumstancias e successos que não

dependem de nós? A nossa rasão corrompida absolve-os; o velho Adão encontra sempre alguma desculpa ao peccado; mas a fé essa não. A fé decreta a reprovação final dos gentios, dos infieis, dos hereticos e até a reprovação final e eterna d'um grandissimo numero de catholicos; crê n'isto como no peccado original, como na hereditariedade do crime e do castigo, bem como na graça da salvação – coisas correlativas e de todo o ponto inseparaveis. Adora em silencio todas estas apparentes iniquidades, convicta de que ellas são sómente apparentes, e que um dia virá em que os proprios gentios hão de confessar que Deus fez bem amaldiçoando-os: tão profundamente justo, equitativo e rasoavel é na essencia aquillo que exteriormente tão pouco é.

Não ha pois duvidar que milhões de milhões de creaturas humanas estão no inferno. As almas despenham-se ahi de todos os lados, densas e rapidas como a chuva, chuva que dura ha mais de seis mil annos, e não acabará nunca. Todos nós temos no inferno uma immensa familia: todos os nossos antepassados pagãos, durante quatro mil annos, e Deus sabe quantos avós christãos!

Os parentes e amigos de quem nos apartamos a chorar, o que fazem é ir adiante de nós; os netos d'elles e os nossos, pela maior parte, lá vão ter connosco, e para tão horrivel fim é que nós nos reproduzimos.

## IX

# Como se prova a verdade dos dogmas hebraicos, e com especialidade a eternidade das penas

Todos estes dogmas estão ligados; porém, quando surge uma duvida, não basta um para demonstrar o outro. Próvem-nos que Satanaz foi expulso do céu, e o homem do Eden; e, quando o tiverem provado, nem por isso lhes cabe o direito de concluir que Deus nunca perdoará a Satanaz nem aos homens. Um castigo que tira aos pacientes a esperança, e ao divino juiz a piedade, é mais incomprehensivel ainda que a fragilidade dos anjos: por consequencia, um tal castigo carece de ser justificado por pessoas eguaes, senão melhores. Estes antigos mysterios não derivam um do outro naturalmente; e, seja qual for o castigo que Deus reserve em sua justiça ás prevaricações das creaturas livres, é certo que nós o soffreríamos, ainda que Satanaz e Adão não tivessem peccado. A principal questão é saber se este castigo será eterno, e a tal respeito a corrupção original, a reversibilidade das culpas, o poder do tentador augmentam nossas duvidas em vez de diminuil-as.

O que ahi ha para nós não são provas, são objecções. O inferno poderá ainda sem isso não satisfazer nossa razão; mas não a offenderá tanto. É urgente, pois, provar que elle existe.

Prova-se pela revelação, isto é, pelas escripturas santas e pela auctoridade da Igreja, interprete infallivel d'ellas. Porém revelação biblica e infalibilidade de Igreja são já de si outros dogmas a favor dos quaes se escrevem todos os dias grossos volumes; e seria desviar-me grandemente do meu assumpto suscitando aqui similhante discussão. O pouco que a tal respeito hei de dizer vem no appendice que está no fim d'esta obra, sendo tanto para o leitor como para mim grande a pressa que temos de sahir d'este labyrintho de mysterios. Investigo provas d'outra ordem, mais especiaes, mais directas, mais apontadas ao bom senso, ao coração, á intelligencia, e que se prestam facilmente a ser entendidas e livremente discutidas. Se taes provas não existissem, não emprehenderia eu similhante trabalho; mas sustenta-se que existem, e em todas as apologias são invocadas como auxiliares das provas sobrenaturaes, e do ensinamento da Igreja, argumentos puramente philosophicos, dos quaes parece que a fé mesmamente está carecida. Dir-se-hia de vontade a respeito do inferno, o que Voltaire disse de Deus: que se elle não existisse, mister seria invental-o. Pois que podemos em verdade provar a existencia de Deus pela necessidade moral d'esta crença, pelo mesmo theor se intenta provar a existencia do inferno perpetuo: intenta-se fazer d'isto uma necessidade moral tão clara e evidente, quanto é evidente e clara a necessidade moral da crença em Deus, e é usual fundamentar tal raciocinio sobre o testemunho de todos os povos, que tanto importa a tradição chamada universal.

A mim me basta a primeira prova; d'ella pende a meu vêr a questão capital. Se o inferno, ou sómente a idêa do inferno é moralmente util, existe o inferno, é necessario, e é divino. Porém, como quer que a evidencia d'esta utilidade não seja dogma, assiste-nos o direito de examinar com plena liberdade. Tal é a tarefa que me impuz. A tradição universal de que tratarei depois, é apenas a primeira face do problema.

# **PARTE PRIMEIRA**

**O INFERNO CONSIDERADO ÁQUÉM  
DA CAMPA, OU O HOMEM E A  
SOCIEDADE EM PRESENÇA DO INFERNO**

# CAPITULO PRIMEIRO

## TRADIÇÕES

### I

#### **A tradição universal é a prova do inferno?**

Quando nos querem fazer comprehender a necessidade da revelação christã, esforçam-se em requintar phrases aviltantes, para bem caracterisar o estado do mundo sob os reinados de Augusto e Tiberio.

Não peço que se suavisem as pinturas. Todavia, se se tracta de nos inculcar algum antigo dogma hebraico tenebrosissimo, repellentissimo, tal como o peccado original, a malicia dos diabos, o eternal inferno, então é vêr como esse genero humano tão vilescido se transfigura subitamente em oraculo. Claro é que a moral se lhe varrêra de todo; mas a theologia ficou. Eil-os a cavar no lodaçal das superstições orientaes, as mais putridas de quantas ahi houve, e querem entrever n'ellas uns certos vestigios de lá se haver conhecido Adão e Noé. Se se trata simplesmente do inferno, isso então acha-se em toda a parte. Um paria vagabundo, um pagão abjecto, um negro, um hottentote trememente em face d'um fetiche, eis as testemunhas, os consultados, os doutores. É mais que certo que taes miseraveis

haviam perdido as noções todas do bem; dormiam com as servas e até com as irmãs; vendiam na feira as filhas e ás vezes as mães; profanavam os hospedes; eram ladrões, eram antropophagos; adoravam pedras, serpentes, sapos, e, peor que tudo, homens, facinoras ensanguentados; mas criam no inferno. Clarão de consciencia não lampejava n'elles só um; não estremavam raia entre virtude e vicio; e, posto que taes distincções lhes houvessem sido reveladas, tinham-nas esquecido. Vêde, porém, o prodigio: quanto ahi havia incomprehensivel para nós e ainda mais para elles; tudo que transcende a alçada da experiencia; tudo quanto a simples razão não pôde revelar – tudo, em fim, que, pelo consequente, mais facilmente se desluz da memoria, oh! tudo isso lhes ficou na lembrança!

Que argumento a pró do inferno!

Quem ousa impugnar verdade tão de fundamento provada? Cafres, Papis, Saabs, Bushmans creram no inferno! Patagões, Muskogis, Algonquinos, Chipperrais, Sioux creram no inferno! Hunos, Alanos, Ostrogodos, Gepidas, Vandalos creram no inferno! Tambem creram n'isso Cananeos, Philisteos, Ninivitas e Babylonios! Sodoma e Gomorra tambem! Sardanapalo, Balthazar, Herodiada, Cleopatra, Nero, Attila, Gengiskhão, Tamerlão creram tambem no inferno! Querem prova mais concludente?

Eu não sei se semelhante demonstração do inferno é bem feita para edificar uma assemblêa de fieis; receio muito que os incredulos se riam. Quer-me parecer que, se tentassem insinuar-

nos reverencia a tal dogma, deveriam contentar-se com dizer-nos que aquellas raças degeneradas, aquellas nações estupidas, aquellas hordas faccinoras, aquellos sacerdotes embaidores, aquellos reis devassos, em fim, todos esses selvagens e monstros, nem criam na eternidade das penas, nem d'isso tinham vislumbres. Tal argumento, se fundado fosse, figurar-se-hia melhor que nenhum. Presumir-se-hia que esses homens, se tivessem á mão e perante os olhos barreira tal, não se infamariam tanto. Mas, da laia que elles são, darem-no'l-os como crentes no inferno, é mandar-nos descrever. Horrorisa-nos a immortalidade d'elles. Vão lá trazer taes arbitros para uma questão de altissimo interesse moral! Dizeis que elles creram no inferno? Oh Deus meu! é por isso mesmo talvez que elles tão mal comprehendiam a justiça, e tal vida viveram!

## II

### **Explicação natural das tradições pagãs ácerca do inferno**

Que monta recorrer a revelações miraculosas? É facilima coisa explicar naturalmente as tradições pagãs ácerca do inferno.

Este social estado que conhecemos, no qual o direito de cada um é definido por lei, e protegido por força publica, não é o primitivo estado do genero humano. No principio, a unica sociedade foi a familia, e, por extensão, a tribu. Cada homem se protegia a si, e sahia em desaffronta propria; parentes e servos

bandeavam-se na pendencia, e a menor tentativa contra o direito privado espadanava ondas de sangue. N'esses remotos tempos, vingança e justiça eram uma só cousa.

Ora, é verdade que a vingança procede do sentimento de justiça, mas ultrapassa a justiça sempre, porque é egoista, cega, orgulhosa, colerica, não mede, não se compadece, dá mal por mal, e usurariamente o dá. A mais antiga das leis judaicas, a lei cruel de talião, foi lei misericordiosa; abalisou as retaliações; cabeça por cabeça, olho por olho, dente por dente, e mais nada. A vingança queria mais: arrancava os dois olhos, e não se saciava. Na Thracia, em Grecia e Roma, nas Gallias, na Germania, em toda a terra houve tempo em que os inimigos captivos eram sacrificados aos deoses, e estrangulados pelos sacerdotes do altar. Os que o ferro poupava eram ainda mais dignos de compaixão: condemnavam-os á escravidão com a sua posteridade – ao trabalhar sem proveito, e á miseria infinita. Entre as familias, tribus e raças ardiam odios hereditarios; pagava o innocente pelo culpado, porque era commum dever o assassinal-o.

E tudo isto se figurava justo, e hoje ainda entre as nações christãs, aqui e alli, subsistem vestigios d'estes antigos costumes.

Se insistem em que os pagãos conheciam o peccado original, a maldição do genero humano e as penas eternas, força é confessar que elles, segundo procediam, procuravam incitar a justiça divina. Que melhor modelo lhes sahiria a ponto?

Para lhes condemnar o procedimento é mister conceder

que elles de Deus e da sua justiça apenas tinham falsa idéa. Phantasiavam Deus á sua similhaça, vingativo, descaroado. D'ahi, a idéa das raças malditas, dos crimes e castigos hereditarios. D'ahi os pavorosos sonhos do inferno sem fim, dos mãos abrazados e espedaçados vivos, dos algozes enfurecidos sobre as suas prêas immortaes, o chorar incessante, o suspirar sem echo, e os engenhosos supplicios todos do Naraka, indostamio inferno que ainda flammeja, e do Amenthi, egypcio, e do Tartaro grego, antigos infernos já agora apagados e que ha tantos seculos não mettem medo a ninguem.

### III

## Como o sacerdocio perpetuou estas tradições

A par e passo que a humanidade se illustra, vemos adoçarem-se por toda a parte as leis e os costumes; as religiões, porém, essas não: antes querem morrer que mudar; conservam como deposito precioso e inviolavel doutrinas antiquadas sem parentesco com as idéas e as necessidades das sociedades novas. Continuam a prégar aos povos policiados deoses ferozes. Faz-se mister um dia arrancar ao cutello sagrado as victimas humanas. Na Gallia foi forçoso derruir as áras e immolar os sacerdotes para acabar com os sacrificios abominaveis. Dá Moysés aos judeus a lei de talião, mas reserva a Jehovah a vingança, como os poetas gregos a reservavam a Jupiter. Querem homens bons e um Deus cruel, homens justos, e um Deus iniquo; e, sendo isto repugnante,

fazem da justiça divina um mysterio, com a declaração de que o não podemos perceber. Prêga Jesus exclusivamente a caridade, e morre em um madeiro perdoando a seus algozes. Tratam de conciliar a sua doutrina com os rabbinos, e logo nos figuram um Deus de duas faces: a doce face do Christo que contempla a terra, e no inverso d'esta face augusta e unvida de lagrimas, a face irritada de Jehovah, o Deus exterminador, o Deus inexoravel que persegue os filhos pelos crimes dos paes.

## IV

### **Exemplo de um povo que permanece fiel a todas as suas antigas tradições**

É a tradição a memoria do genero humano. Cumpre não menosprezal-a á conta das verdades que ella propaga; todavia não devemos escutal-a de joelhos, á feição de oraculo, por causa dos erros que a deturpam atravez de todas as edades e nações.

Que nos faz a nós que os antigos crêsem nas penas eternas? Não será isso que as tornará eternas, se ellas o não são. Mais antiga que todas as opiniões dos homens é a bondade de Deus; e as verdades moraes bem como as physicas dispensam o nosso consentimento para subsistirem.

Pois não girava a terra quando a julgavam immovel? Não era odiosa a escravidão quando a julgavam justa? Ha na profundeza do ceo estrellas que nossos paes não viram e nós vemos; e ha outras cuja luz não alcançamos e nossos netos verão brilhar.

Cumprir ver o ceo com os nossos olhos, e não com a vista dos que já são mortos. Não seria blasphemia crêr n'um Deus vingador, quando em seu proprio coração o homem não tinha discriminado entre justiça e vingança, e por isso a Deus se concediam sentimentos e acções que n'este mundo eram honrosos. Attribuir-lhe, porém, acções que passariam por injustas, se commettidas fossem, seria arrogar-se o homem direitos de fazer-se melhor que Deus; e fôra verdadeira impiedade imaginar um Deus tal que envergonharia quem o imitasse. O passado lá vai. Os antigos deram suas contas; nós temos de dar as nossas. Quando um caminheiro cæe na estrada, quem se levanta côxo é elle e não seu pai. Qualquer crime que perpetréis servos-ha imputado a vós. Desquitar os homens, em nome das tradições, da responsabilidade da sua fé, seria remil-os da responsabilidade das suas obras. Ha quatro mil annos que os hindostanicos são escravos dos mesmos prejuizos, acorrentados nas mesmas castas, vinculados ás mesmas praticas, rojando e palpando no mesmo circulo d'erro e miserias, á semilhança dos seus condemnados, no dedalo tenebroso e sem sahida do seu inferno. N'aquellas regiões morre o homem na condição em que nasceu: representa servilmente seu já morto pai, pensando e operando como elle. É, quanto menos pôde ser, pessoa distincta e nova; é-lhe quasi inutil a razão; a memoria lhe basta; nem a consciencia vive em 'si; está fóra nas tradições oraes ou escriptas que reverenceia cegamente, porque antes de vir ao mundo já eram veneradas. Se ha verdade é o que essas tradições dizem;

bem, é o que ellas ordenam; mal, é o que ellas prohibem.

Investigar para que? Que mais quer elle? Bello reclinatorio para a preguiça! Excellente desculpa para vicios! Valente obstaculo para virtudes!

Uma das glorias de Christo, um dos espinhos da sua corôa santa, foi contrapôr o direito da consciencia individual á tyrannia das opiniões, tradições e escripturas judaicas. Ensinou-nos elle a sobrepôr o juiz intimo sobranceiro a todos os juizes da terra, e responsabilisou perante Deus o homem por seus actos, ao mesmo passo que os responsabilisou por seus pensamentos e sua fé.

## V

### **Efeito d'estas tradições na edade media**

As tradições judaicas e pagãs consubstanciavam-se profundamente na edade media, acerbando-lhes as suas leis penaes com supplicios e torturas. As prisões não tinham ar nem luz; o adorno das masmorras era palha podre, pão e agua. Havia prisões subterraneas, tumulos onde o homem entrava vivo e não sahia mais. Até os mosteiros as tinham. O furto era punido com a morte; a morte punia a transgressão da lei sobre a caça. Em cada encruzilhada uma forca. Para os hereges fogueiras. E frequentemente uma familia inteira era castigada pelo crime do chefe, bens confiscados, casa arrazada, o nome proscripto. Nada digo sobre a servidão, degradação hereditaria, especie de mancha original e quasi universal em cada paiz, horrenda reliquia da

escravidão antiga, e das superstições do Oriente.

Havia crença na efficacia d'aquelles horrendos castigos. E seriam por isso menos raros os crimes? O terror governava o mundo. E seria o mundo melhor governado? Ia n'isso a antiguidade das tradições. Dava-vos pena que ellas se abolissem? Quem ha ahi saudoso das torturas, masmorras, confiscações, fogueiras, escravidão? E quem ousaria pedir, por interesse da justiça e da moralidade, o restabelecimento das instituições da idade media?

## VI

### **Como a sociedade christã se desvia progressivamente d'aquellas antigas tradições**

Não ha muito que nós ainda tinhamos o nosso inferno: eram as galés onde as condições peioravam. Destruiram-nas, e crearam as colonias penitenciarias. Antes de nós, se deram bem com isso os inglezes. D'aquelle antigo inferno terreal, paraizo em comparação do outro, resta-nos como terrivel vestigio a perpetuidade do castigo para certos culpados. Quiz o homem copiar o antigo Deus das vinganças, e infligir aos seus semelhantes penas infinitas, tendo elle apenas um dia de seu. Taes penas se acham nos nossos codigos. A sabedoria humana é tão limitada como o seu poder. Mas, apesar de limitadissima, é admiravel!

Com que arte a sociedade concilia os mais oppostos deveres – a protecção aos justos, e até a protecção aos culpados que ella extrema dos justos! Não os esquece nas suas prisões, não renunciou ao direito de perdão; não desentranhou de si o sentimento da piedade. Sobre essa paragem de miserias está sempre fixo um olhar de dó, e attento um ouvido que escuta os gritos do arrependimento. E acaso se enfraquece por amor d'isso a lei penal? E se o perdão salva um d'esses prezos que a justiça ferira com perpetua pena, cuidaes que esse acto robusteça o mal, e dê nas prizões ou fóra d'ellas um exemplo funesto?

Ainda mais: a sociedade amnistia algumas vezes propriamente o crime, derroga a sentença do juiz e restitue o criminoso em todos os direitos do innocente. Os crimes que ella amnistia quaes são? Os mais ultrajadores de sua authoridade, das suas leis, do seu repouso e existencia: amnistia os crimes de lesa-magestade, e contenta-se com perdoar os outros.

Este é o espirito das legislações novas em toda a christandade, nas quaes a misericordia se abraça com a justiça.

Inferno que nunca muda é só o theologico. É sempre o inferno da idade media, inferno de judeus e pagãos, os mesmos supplicios, os mesmos gritos, a mesma impiedade crescente, os mesmos horrores. Não querem que Deus tenha o direito de perdoar no outro mundo. Cá em baixo póde fazel-o, se lhe apraz, como qualquer rei da terra. Mas lá no seu reino não ha perdão nem amnistia! Colera infinita! Vingança perpetua! Inexoravel furor! Tal é, consoante o pintam, o Rei dos ceos.

Ditosos os povos cujos principes se não modelam por elle!

Quem quizer encontrar hoje imitadores do Deus terrivel dos antigos, ha de ir procural-os no novo mundo e entre as tribus negras da Africa, e nas hordas barbarescas da Asia. A sociedade christã, com maravilhoso instincto, sequestrou-se d'essas idéas de outra idade; e, com os olhos postos na cruz, prosegue e anhela realisar em suas instituições e leis um ideal menos imperfeito da soberana justiça.

# CAPITULO SEGUNDO

## A FÉ NOVA

### I

#### **Pater noster**

Chamamos a Deus nosso pae e nos consideramos seus filhos. Um pae condemnaria seus filhos a supplicios eternos? Que a questão seja de ingratos e desobedientes, de rebeldes e de mãos, embora: Deus é Deus, e nós somos homens.

O mais sabio ancião n'este mundo é perante o Pae celestial o que diante d'esse velho mortal, curvado ao pezo dos annos, é uma criancinha no berço. Perante o Pae do ceo somos todos crianças balbuciantes que apenas caminhamos com andadeiras. E a comparação é ainda muitissimo ambiciosa! Ha mais proporção entre o menino que balbucia e os maximos doutores theologos, do que entre os maximos doutores em theologia e o eterno Pai. Cobertos de seus circumspectos barretes, aquelles doutores tartamudêam, gaguejam, balbuciam freneticamente, não se entendem a si proprios, descambam a cada passo, e movem á compaixão, se os compararmos a Deus. Dado que elles ainda durassem e crescessem em saber, ao mesmo passo que envelhecessem, nem por isso deixariam de estar

como em perpetua infancia confrontados com Aquelle que tudo sabe, porque é infinito em sabedoria, em poder e bondade. Mas, d'outra fórma, a criancinha hontem nascida podeis já affoitamente comparal-a áquelles graves doutores; é um doutor que se aleita e entra em dentição: alguns dias mais, e vêl-a-heis defender these e supplantar os professores.

Compreheideis, pois, que, se o velho doutor em theologia fosse pae, mettesse o filho em um carcere cheio de serpentes e ahi o deixasse para sempre? Qualquer que houvesse sido a culpa do menino, julgareis justo e discreto similhante castigo? Não vos pareceria o mestre mais louco do que o discipulo, e o pae peor que o filho? O vosso primeiro empenho não seria pôr o algoz no lugar da victima? Não se levantaria toda a sociedade contra esse sabio sem coração? Nossas leis, nossos tribunaes consentil-o-hiam? Ah! castigos, sim, mas castigos que corrijam, e o perdão a final: eis o que é justiça de pae. Não entendemos outra. Ao chefe de familia não se consente poder arbitrario sobre os seus: a esposa tem direitos; tem-os o filho, o servo, protegidos pela sociedade, que para esse fim especialmente se constituiu. Se isto repugna ás antigas tradições, nem por isso é menos racional, equitativo e moral.

Ainda assim, por mais que fizesse este doutor atroz, seria menos cruel que o Deus prégado por elle. Se a morte não viesse rapidamente arrancar-lhe a victima, o officio de algoz cançal-o-hia. É difficil de supportar, ainda mesmo a um mau pai, o aspecto das torturas que elle exercita na pobre creatura que

gerou. No coração humano tudo é mudavel, tanto o amor, como, por feliz compensação, o odio. Um principe morovingiano, chamado Charmne, revoltou-se contra Clotario; Clotario fez queimar vivos seu filho, a nora e os netos; mas diz a historia que elle se arrependêra. Se tal supplicio durasse uma semana sómente, de certo elle os teria salvado. Que bom pai! Que excellente rei!

Que amavel é este Clotario de par com o Deus que nos pintam! Este Deus quer que pensemos no inferno, mas não que se morra ahi; á imitação do algoz das prizões feudaes, deixa viver os pacientes torturando-os e disvela-se em lhes protrahir a agonia! Manda-os soffrer, ouve-os gemer durante a eternidade, e procede sua vingança, sem fechar olhos, sem tapar ouvidos, e por isso mesmo é que n'elle reconhecemos não um homem variavel, mas o que elle é, um Deus.

Ó Deus dos antigos, Bel, Teutates, Plutão, Eolin, seja qual fôr teu nome, Deus das batalhas, Deus do gladio, Deus dos fortes, guerreiro feroz, senhor irascivel, juiz sem entranhas, Deus dos eternos rancores, tu não és o meu Deus! O Deus que adoro, o unico e verdadeiro Deus, é o melhor dos Paes; apesar das minhas culpas, não me trata como inimigo nem como escravo; conhece melhor a minha fraqueza do que eu a sua força; e, até quando me castiga, não esquece que foi elle quem me creou e que eu sou seu filho.

## II

# O purgatorio

É o purgatorio o logar incognito em que os mortos esperam, soffrendo, o perdão das culpas commettidas na terra. Ha ahi o chorar e o padecer; mas não se amaldiçôa Deus: bemdiz-se. Os soffrimentos ahi supportados são salutaes porque se comprehende a justiça d'elles; e corrigem porque a esperança não é anniquillada.

Se tal logar existe, de que serve o inferno?

Deixar dizer que a eternidade é que apavora e refrêa o peccador. O peccador não sabe o que seja a eternidade; porque é impossivel absolutamente formar-se uma clara idêa do que seja isso. Se recuamos perante nós um pouco que seja as balisas do tempo, a nossa imaginação e razão se perdem; e cahimos nas prezas das mesmas angustias que sentiríamos, se vissemos a verdadeira eternidade.

Para que o homem se aterre lhe basta imaginar o soffrimento de que é capaz a sua natural sensibilidade, e qual o podem comprehender as faculdades do seu entendimento. Para que iremos mais longe? Não é bastante ameaçar os maus com castigos proporcionados ás suas faltas, durante um espaço de tempo desconhecido ou incalculavel n'este mundo? O que fôr mais do que isto é inintelligivel. Para lá d'estes limites, a ameaça nada importa; a alma está refarta de justiça, oppressa de

terror, extenuada de padecer, dobra-se, cáe, aniquilla-se, adora, supplica perdão, não póde comprehender senão a piedade, está surda e insensivel a tudo o mais. O remate da justiça para nós é o perdão; e, se n'essas extremas alturas onde a imaginação póde chegar, e onde o peccado roja gemente, se em vez de perdão, nos mostraes o odio ainda flamejante, lá vai tudo: o terror tocou o apogeu; turva-se a razão, idéa de justiça e de bondade tudo se desfaz; a alma, que cahira crente, levanta-se atheista.

Se o tal inferno existe, no outro mundo coisa comprehensivel ha uma só; é o blasfemar dos condemnados.

Mas se tal inferno existe, de que serve o purgatorio? Pois os protestantes não o aboliram discretamente? Para os que podem crêr em tal inferno, que é cem mil annos de purgatorio? Este acaba e o inferno não; seculos e milhões de seculos de penitencia não se contam, esquecem-se. Em vista d'este sinistro inferno em que a misericordia é desconhecida, inutil o soffrimento, e a justiça um enigma, o purgatorio é um paraizo. Quem nos dera a certeza de lá ir! que os castigos ahi soffridos, por mais demorados e rigorosos que sejam, não ha temel-os: desejam-se. Por maneira que o mais terrivel castigo que imaginar se póde, o mais equitativo e rasoavel, deixa de impressionar as almas pervertidas pelo espectaculo d'uma punição sem siso nem justiça apparentes.

As pobres almas aterradas, aturdidas, estupefactas são impellidas involuntariamente a offender a Deus de dois modos; primeiro temendo-lhe a vingança, segundo não lhe temendo a

justiça. A idêa dos castigos inefficazes e dôres infructiferas, por muito monstruosa, odiosa e falsa que seja, se humanamente a consideramos, torna inutil a idêa dos castigos poderosos e dôres salutaes, por muito bella, clara, natural e divina que ella seja.

### III

## Necessidade do purgatorio

Quem quer que sejaes, senhor ou servo, rico ou pobre, esposo ou pai, viuva ou noiva, não negueis as expiações da vida futura. Não conheceis maus em prosperidade, cercados de respeitos, inacessiveis á lei, e que se deitam e levantam sem remorsos? Não conheceis innocentes opprimidos, anciãos abandonados, orphãos desbalisados, pessoas honradas cuja vida é toda padecer e que nenhuma lei feita ou por fazer defenderia de homens ingratos e perversos? Se sois feliz hoje, sêl-o-heis amanhã? Convencei-vos de que negar a vida futura, seria o mesmo que negar a immortalidade da alma, e logo sua liberdade e responsabilidade; e, por consequencia, o mesmo seria negar virtude, direito, Providencia, e constituir este baixo mundo um verdadeiro inferno, um sonho, um pesadêlo, onde tudo seria horror e abominação, excepto o nada, tudo injusto, excepto o crime victorioso, tudo absurdo, excepto a inveja, o egoismo, a violencia, e a astucia que se roja. Ah! crêde na vida futura, com suas expiações e recompensas. E, se ha quem exclua do ceo a piedade, não vades vós, por uma irracional desforra, excluir

tambem do ceo a justiça.

## IV

# Mysterios

Não nos accusem os theologos de negarmos acintemente os mysterios.

Os theologos referem o que vae no inferno como se tivessem por lá viajado. Pelo que elles dizem é paiz dos mais conhecidos: sabe-se o caminho, quaes são os seus productos, e qual o modo de viver dos seus moradores, bem como a origem, nomes e a gerarchia dos principes que lá reinam. Em outro capitulo estudaremos as edificantes descripções que fazem d'elle já physica, já moralmente.

Ácerca do purgatorio tem havido mais prudencia quasi nada se sabe do que la se passa: é portanto mais mysterioso que o inferno. Todavia, sem impedimento de ser mysterioso, que differença! Quanto mais profundamos a eternidade penal, menos se acredita; ao invez, quanto mais pensamos no purgatorio, mais nos sentimos compellidos a crê-lo. É o inferno mysterioso como o diabo, como a noite, como a contradicção, a confusão e o chaos. É o purgatorio mysterioso como Deus, como a alma, como a consciencia, como a vida, como a luz que nos alumia, como a materia impenetravel, como toda a natureza, como a verdade, como tudo o que existe e de que nós apenas conhecemos em sombra a existencia e apenas percebemos atravez de um veio,

mas o bastante para não poder duvidar. É elle tão certo como tudo o mais do mundo; assenta no intimo de nossa alma sobre as mesmas bases da moral, do direito, do dever, do respeito a outrem, piedade, liberdade, amor, e sentimento do infinito. É por tanto o purgatorio, quanto á razão, o verdadeiro mysterio da justiça divina, assim como a Incarnação e a Paixão, quanto á fé, são o mysterio do Amor divino; – mysterio de justiça que, de mais a mais, se concilia maravilhosamente com aquelles mysterios d'amor, dos quaes o inferno perpetuo seria a negação.

Muitissimo nos espanta que os protestantes o não vissem. Quando tinham que escolher entre dous dogmas inconciliaveis, um velho e outro novo, sacrificaram, tanto em nome do Evangelho como da razão, um dos dois que mais se harmonisava com as leis da razão e a moral do Evangelho.

## V

### O paraíso

Os protestantes não conhecem termo medio entre paraíso e inferno; os catholicos, porém, acreditam-no, e segundo elles é o purgatorio ceo nubloso e triste, inferno onde se ora e espera, e que deve acabar. Infelizmente os catholicos não enviam todos os mortos ao purgatorio, crendo que se póde transpor aquelle meio entre ceo e inferno, sem ainda lá pôr o pé. Á similhaça dos protestantes, ensinam que muitas almas, apenas despidas do seu involucro mortal, são despenhadas para sempre no eterno

abysmo, ao passo que outras almas, logo que despedem da terra, alam-se direitas ao paraiso. Ensinam tambem, uns e outros, que o mais abominavel patife, convertido á ultima hora, póde morrer contente: eil-o vai absolvido como o bom ladrão; não tem mais que fechar os olhos e acordar entre os anjinhos.

É isto possivel? É isto verdadeiro? Que é pois o paraiso, e que idéa fazemos d'elle?

Pois que! verei eu do seio da bemaventurança, e na inalteravel tranquillidade dos justos, verei sem remorso e sem afflicção, encadear-se a meus pés, já na terra, já no inferno, as tristes consequencias das minhas iniquidades? Nas minhas noites de libertinagem, matei; durante o somno de homens que valiam mais do que eu, assassinei um aváro para o roubar, um amigo da minha infancia para entrar no seu leito, uma mulher que eu havia seduzido e que morreu beijando-me as mãos, pensando em mim, a louca, mais do que em Deus! D'entre elles os peores que eu feri eram innocentes comparados comigo, e eil-os mortos intempestivamente, sem terem tempo de se arreponderem; eil-os engolphados na gehenna, com o coração roido pelo verme que não morre, gementes, chorosos, amaldiçoando-me; e eu, seu assassino; eu, peccador envelhecido na impiedade e agraciado por um milagre, louvarei Deus eternamente, por me haver feito instrumento da condemnação d'aquellas pobres almas!

Com as minhas delapidações, reduzi á miseria e a todas as tentações da miseria, e a todos os desvios da desesperação aquella familia que lá vejo em baixo: o irmão vende a irmã,

a irmã vende a sobrinha, o pae vende os seus juramentos, os seus amigos, o seu paiz; a mãe arranca-se os cabellos; todos choram, todos soffrem, todos me accusam, e os seus gemidos chegam até mim; e eu hei de vêr imperturbavel, sem remorsos, sem dôr, aquelles fructos de meus crimes, aquellas ulceras, aquelles prantos, aquelles opprobrios, aquellas perfidias, aquelles escandalos em que eu tenho parte; e, pois que Deus se apiedou de mim, eu não terei piedade dos outros, e o que na terra me affligia, quando eu agonisava, não me ha de affligir depois da minha morte. Este deploravel espectaculo, bem visivel a meus olhos, não impedirá que eu me saboreie na felicidade dos escolhidos; convencer-me-hei que vae n'isso o influxo dos designios do Altissimo, e que o homem, faça o que fizer, não tem que vêr com o resultado das suas obras; e em vez de bater no peito a cada sobresalto dos meus proprios crimes, a cada repercussão das minhas proprias blasphemias, a cada reflorcer das venenosas sementes – vestigio unico que eu deixei da minha passagem na terra – vestirei a alva tunica, e beberei na taça dos anjos, das virgens, dos heroes, e dos martyres, como se eu fosse um d'elles.

Na verdade é uma egregia doutrina esta da justificação do peccador, pelo reconhecimento e pezar de suas culpas; levada porém áquelle grau, semelhante doutrina é tão incomprehensivel como a do inferno. De uma demasia nasceu outra: n'uma parte encareceram a justiça; na outra exaggeraram a piedade. Comtudo, entre o castigo infinito por um só peccado, e o immediato perdão apezar de mil peccados, havia o que quer

que fosse que parece desconhecer-se: a justiça sem colera, a misericórdia sem pusillaniedade.

Salvam-nos como nos condemnam, com pouco custo ordinariamente, pois que se com facilidade nos abrem as portas do inferno, com a mesma nos abrem as do paraíso.

Considerem entretanto o purgatorio, não como meio entre o paraíso e o inferno, mas entre a terra e o ceo, ponto que certas almas atravessam rapidamente e quasi sem soffrer, e onde outros são condemnados a padecimentos mais ou menos extensos e variadissimos, consoante a natureza de suas culpas, e disposição no ultimo momento. Este purgatorio com as suas penas indefinidas, proporcionaes, rigorosas, purificantes, e, cedo ou tarde, coroadas pelo perdão, não seria um freio moral mais rijo que o medo das penas eternas, temperado pela esperança da misericórdia na ultima hora, e pela reforma de vida na ultima idade? Convenho que não haveria medo de ser condemnado sem remissão; assim é; mas tambem ninguem presumiria de fugir ao castigo com um momento de contricção, depois d'uma longa cadeia de crimes. D'esta arte, Deus mostraria melhor o que é, justo, mas não cruel; bom, em vez de tolerante. Que mal lhe viria d'ahi? Commiséravos o lastimavel ancião coberto do sangue das extorsões e o tyranno abjecto que sopesou e corrompeu milhares de homens; tendes d'elles piedade, quando morrem chorando? tendes razão; mas apiedae-vos tambem de suas victimas ainda palpitantes, d'essas creanças que elles definharam e ceifaram em flor, e que vós condemnaes. Piedade e justiça para todos. Não

desespereis os que vagarosamente caminham sobre os abrolhos da penitencia, mas não lhes encurteis a escada para os subir ao ceo. Sabei que na outra vida se chora amargamente o mal feito ao proximo que n'este mundo nos sobrevive, as desordens que se motivaram, as existencias que se transtornaram, as quedas moraes que se occasionaram, e que o arrependimento na hora extrema, posto que grandemente salutar, é apenas o principio, e não o fim, das expiações d'uma vida culpada.

É de crer que na Biblia e nos padres da Igreja isto se não encontre escripto; mas está escripto nas consciencias. Limpem os oculos e leiam.

# **CAPITULO TERCEIRO**

## **OS FRUCTOS DO INFERNO**

### **I**

#### **O bem**

#### **(BEM NEGATIVO, MONGES, ANACHORETAS, ETC.)**

Se a morte vos sobresaltêa antes da penitencia, diz-se que sois condemnado por erro de espirito, por fraqueza dos sentidos, por um lance d'olhos, por um desejo culposo, e condemnado, sem esperança, tanto como se houvesseis sido um ladrão calejado, um parricida, um atheu. Lá vos está esperando o Senhor da vida; e ahí ides enredado em vosso peccado como ave cahida no laço. E tudo se acabou; tudo, sem que os vossos longos serviços ao genero humano contrabalancem o peccado final!

Se, no entanto, comparaes tudo que se ha mister fazer para ganhar o ceo ao pouco que basta para cahir no inferno, sereis forçado a reconhecer que as probabilidades são dissimilhanes, e que o mais certo, faça-se o que se fizer, é a condemnação.

D'onde procede nas imaginações vivas a dominante

preocupação de evitar o inferno; e d'ahi, pelo conseguinte, e desde os primeiros seculos, uma especie de singulares virtudes, mais espantosas que bellas, mais extravagantes que insinuativas: virtudes falsas, sem utilidade do proximo, bem que os theologos no'l-as inculquem por ideal da perfeição christã. Tal é o retiro ao deserto, a renunciação propria, o morrer antecipado, o fugir combates da vida, o desquite de deveres da familia e da cidade, a ociosidade contemplativa e penitente, a maceração, o jejum, o perpetuo silencio, a insulação, o odio ao mundo, a oração entre quatro paredes. É, tambem, a santificação do celibato, como se a fecundidade dos sexos houvesse sido amaldiçoada, como se fosse culpa continuar a filiação de Adão, e virtude esterilisar em si os embriões da vida humana.

E certo é que, admittido o inferno, e a queda original, e o ensinamento que lhe anda annexo, que outra conclusão se colhe? Multiplicar os homens, para que? para multiplicar os peccados? Se é tão duvidosa a salvação! Se a condemnação é tão facil! Para que nos enlaçaremos á orla d'um abysmo onde o esposo pôde despenhar-se com a esposa e o pae com os filhos? Bastantissimos mentecaptos se casam, e povoam terra e inferno de desgraçados. Não seria melhor deixar acabar o mundo? Bemaventurados os celibatarios! Os sabios são os reclusos, os anachoretas, os eremitas. São como os viajantes que, em navio a pique, desamparam os companheiros, e salvam-se a nado. Cuidam só do seu salvamento; cada qual por si; socorrer o irmão tem o risco de naufragio. Fazei como elles, navegantes; deixae no

navio em sossôbro mercadorias, thesouros, e vossas mulheres, e mães, e vossos filhos, e fazei-vos ao largo: recresce a borrasca; rasga-se a vela; quem poder salve-se.

# Конец ознакомительного фрагмента.

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.